

## SENHORAS BABADEIRAS: A RELAÇÃO DA TRAVESTI IDOSA COM SEU CORPO

Rafael Gomes da Silva Carneiro<sup>1</sup>  
Brenno Fidalgo de Paiva Gomes<sup>2</sup>  
Lílian Gabriella Castelo Branco Alves<sup>3</sup>

*Universidade Federal do Piauí. rafaelgomezcarneiro@gmail.com*

### RESUMO

Este trabalho integra uma pesquisa em andamento, cujo objetivo é estudar a relação do corpo travesti quando perpassado por questões referentes à sexualidade e envelhecimento. Esse corpo, além de sofrer os efeitos biológicos do envelhecimento, soma a isso uma carga de preconceitos e estigmatização, impostos social e culturalmente. A pesquisa tem como foco trazer à visibilidade e dar protagonismo a esses corpos renegados à escuridão das esquinas, locais onde são empurrados para a prostituição. Além disso, busca-se observar o corpo travesti como um corpo que mesmo sendo colocado como “desviante”, também envelhece, assim como qualquer outro. Analisar-se-á o fenômeno de masculinização que acontece quando esses corpos encontram-se na velhice como forma de tentar se readequar à esse meio social, além de ser uma forma de tentar se inserir no mercado de trabalho, para assim, tornar possível uma “velhice digna”. Dessa forma, se utilizara a etnografia enquanto método para mapear as vivências de alguns personagens que se adequam ao perfil, especialmente localizadas na cidade de Teresina-PI. Metodologicamente objetiva-se a partir de um estudo descritivo e embasado em uma revisão bibliográfica, verificar e conhecer melhor o estilo de vida de pessoas que possuem suas vivências transpassadas pelos estigmas da sexualidade e envelhecimento. A pesquisa se utilizará do método etnográfico, utilizando para isso o ambiente natural das personagens como fonte de dados, utilizando como pressupostos, o entendimento de que o comportamento das personagens é influenciado por contexto e entender esse enquanto referencial no qual esses indivíduos interpretam pensamentos, sentimentos e emoções, quando ligados ao corpo, sexualidade e envelhecimento.

**Palavras-chave: Travesti, Sexualidade, Envelhecimento, Corpo, Emoções.**

O Brasil atualmente tem se tornado um país que envelhece, contrariamente ao que se pensa, não somos unicamente um país formado por uma massa jovem, pois há uma população idosa cada vez mais grandiosa. Dentro desse grupo de idosos se encontram as travestis, que infelizmente não possuem tanta visibilidade, talvez por constituírem uma classe que sofre exclusão em qualquer idade.

Essa invisibilidade acaba se tornando quase uma incredulidade na existência dessas pessoas, talvez por não termos na convivência do dia-a-dia, talvez pela não oferta de postos de trabalho para travestis nos empregos formais. A expectativa de vida delas, que atualmente se encontra entre os 35

---

<sup>1</sup> Graduado em Direito pelo Centro Universitário UNINOVAFAPI; Mestrando em Antropologia na Universidade Federal do Piauí; Pós-graduando em Gestão Pública Municipal no Instituto Federal do Maranhão. Email: rafaelgomezcarneiro@gmail.com

<sup>2</sup> Graduado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Piauí; Mestrando em Antropologia na Universidade Federal do Piauí. Email: brenno.fidalgo@gmail.com

<sup>3</sup> Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Piauí ; Mestrando em Antropologia na Universidade Federal do Piauí. Email: gabriellaufpi@outlook.com.br

anos, é outra possível resposta para esse questionamento. Elas sofrem uma dupla estigmatização: uma pelo fato de estarem em processo de envelhecimento, e outra por viverem como travestis. Elas são excluídas pela sociedade por não se enquadrarem nas normas estabelecidas de gênero, isso quando não tem suas vidas ceifadas.

Observa-se esse movimento do corpo travesti jogado diariamente para as esquinas escuras dos Centros da cidade como o único lugar possível para elas, onde encontrará na prostituição o “único” meio de trabalho possível para aquele corpo.

A partir dessa noção de comportamentos modelados pela sociedade, é importante trazer o pensamento de Margareth Mead (1972), especificamente ao publicar o livro *Sexo e Temperamento*, no qual abordou a problemática da puberdade entre os nativos em Samoa, onde ela argumenta que as complicações características dos adolescentes americanos não existiam da mesma forma entre os samoanos, onde haveria segundo ela, uma tolerância maior para com os adolescentes, deixando livre, inclusive, sua sexualidade.

No livro em questão a autora tenta colocar em xeque os padrões culturais que na época afirmavam estar justificados pela biologia, assim ela observou que havia variações nos comportamentos de gênero, que os comportamentos dos homens e mulheres não são idênticos em todas as sociedades, pois sofrem influencia do lugar onde se situa o individuo, sofrendo influencias da cultura. Ela vai mais longe, pois tem papel importante na discussão que questiona os papeis da biologia e da cultura na definição do comportamento, onde ela discorre argumentos de que mais que a biologia, é a cultura que realmente molda o comportamento.

Margareth Mead (1972, p. 277) traz a figura do inadaptado, que segundo ela seria “qualquer individuo que, por disposições inatas ou acidente da primeira educação, ou mediante as influências contraditórias de uma situação cultural heterógena, foi culturalmente cassado”. Eles seriam as pessoas que não se conformariam com os papeis que lhes são dados socialmente. Há nesse caso uma não correlação entre o individuo e a sociedade, pois essa percepção do que o que é correto e aceito numa sociedade deve levar em conta o espaço e o tempo. Ao observar esses questionamentos para a nossa realidade contemporânea, especificamente com foco no corpo travesti, observamos esse corpo como um inadaptado, pois no nosso contexto ele não se encaixa em nenhum modelo estabelecido como “normal” pela sociedade.

A identidade travesti é assumida em todos os momentos da vida, e quando não assumida, se deve a questões e convenções sociais que são impostas a esse corpo, como a natureza da atividade que os indivíduos desempenham, nesse caso, há um apagamento do corpo, como afirmou Le Breton

(2013, p.201), que segundo ele, apaga o seu corpo ritualmente graças a técnicas corporais por ele dominadas. O corpo travesti é visto como desajustado, e para se adequar ao meio social ele deveria então apagar ou reprimir suas tendências que são incompatíveis com o conceito de ser social, como disse Margareth Mead (1972, p. 230) “você não será um verdadeiro ser humano a menos que suprima essas tendências incompatíveis com nossa definição de humanidade”. E é esse o comportamento de alguns travestis quando chegam à velhice.

No seu ultimo capítulo, onde especificamente analisa os inadaptados, que se configurariam, segundo ela, como indivíduos que se encontram inconformados com seus papéis impostos pela sociedade, e por não se identificarem, eles se encontram relegados a esse lugar de inadaptado, é possível traçar um paralelo com a figura da travesti. É possível analogamente se observar a travesti enquanto um inadaptado, pois ela não se conforma aos papéis sociais que lhe são impostos, tendo que muitas vezes suprimir ou suavizar sua condição para assim se conformar ao que o meio espera. Nesse sentido, Sara Salih (2012, p.105), ao abordar o pensamento de Butler quando fala do corpo em *Gender Trouble*, diz que ela observa o corpo “Como um *locus* de interpretações culturais, o corpo é uma realidade material que já foi situada e definida em um contexto cultural”.

Ao se deparar com esse corpo tido como inadaptado, a travesti passa a tomar consciência de seu corpo como um corpo estranho. E algumas, já no momento da velhice, introjetam o que lhe é imposto externamente, como analisou Pierre Bourdieu (2006), em uma analogia ao seu camponês, no texto *o Camponês e Seu Corpo*, ao constatar que o camponês, quando analisado a partir de outros padrões, é levado a introjetar a imagem que é feita dele a partir de um estereótipo que o mesmo não consegue alcançar. Nesse relacionamento entre o indivíduo e sociedade, se tem o conceito de *habitus* em Bourdieu (2006), o qual capta a forma como a sociedade se deposita nas pessoas sob a forma de disposições consideradas duráveis, e também passa a captar consequentemente as respostas tidas criativas dos agentes, respostas essas que são de certa forma guiadas pelas disposições que são apreendidas no passado. Esse *habitus* tem sua construção no processo de socialização, e esse processo é tido como inacabado. Assim, é no nosso encontro com a sociedade que se cria o *habitus*.

Bourdieu (2006, p.87) explica que “essa consciência infeliz de seu corpo, que leva o camponês a deixar de se solidarizar com seu corpo, que inclina o camponês a uma atitude introvertida”. Da mesma forma, o corpo travesti traz pra si as marcas desses padrões externos, de certa forma até estereotipado, que lhes são impostos. A partir disso, passam a ter uma consciência triste de seus corpos. Nesse momento, muitas retornam ao masculino para se readequar.

Essa tomada de consciência ou *prise de conscience* é informada por Merleau Ponty (1999), como um entendimento que o sujeito passa a ter de ser um corpo e esse entendimento inclui ter uma real noção da postura de seu corpo, e as infinitas e possíveis possibilidades que esse corpo pode ter para outras possíveis posturas. Ou seja, o sujeito travesti toma consciência desse corpo e ao mesmo tempo das possibilidades de postura variáveis que esse corpo pode adquirir.

Esse corpo, agora visto como estranho vive no limiar das regras que são impostas no meio social, mais que viver nesse limiar, ele borra essas linhas, como diz Zygmunt Bauman (1998, p.28) que os estranhos borram as linhas traçadas como forma de organização pelo Estado.

A partir desse quadro que foi desenhado até aqui, é ainda necessário que se coloque o corpo travesti enquanto uma identidade travesti diversa de tantas outras, inclusive a da mulher trans. Isso é necessário porque muitas se identificam como travestis e não como mulher, havendo em alguns posicionamentos até uma certa contraposição entre ambos. Esse debate se faz presente quando se observa que o modelo de experiência trans não faz parte da realidade vivida pelas travestis. São vivências e contextos divergentes que perpassam continuamente esses corpos, o que conseqüentemente cria uma identidade travesti, e essa identificação traz reflexos em um posicionamento político específico. Assim explana Marco Beneddetti (2005, p.96).

De fato, a maior parte não se iguala às mulheres, nem tampouco deseja fazê-lo. O feminismo travesti não é o feminino das mulheres. É um feminismo que não abdica de características masculinas, porque se constitui em um constante fluir entre esses polos, quase como se cada contexto ou situação propiciasse uma mistura específica dos ingredientes do gênero.

Essa percepção de diferenciação das categorias se torna relevante quando se passa a observar as características específicas de cada grupo, seu contexto social, político e conseqüentemente suas demandas, os quais também serão diferentes. Sendo assim, deve-se evitar uma homogeneização de experiências.

É interessante observar o corpo travesti enquanto um estandarte à subversão desses investimentos regulatórios nos corpos, um corpo que se altera continuamente, se modificando e transformando-se. Não seria apenas um corpo tido como objeto e socializado, mas possui uma agencia que o torna criativo. Assim, há uma expressão corporal única, que apesar de estar modulada por uma regulamentação, é única e nova, e ainda assim, própria do agente, como afirma Cristina Carta (2011, p.81), explicando o conceito de expressão corporal em Maleau-Ponty.

Por mais que esta expressão corporal tenha uma regulamentação, é sempre uma nova atitude, já que se executa a partir de um estilo, de uma configuração de caráter individual e própria de cada agente em relação a uma nova situação.

O corpo é dotado de uma agencia, mas também é inserido dentro de um sistema. O conceito de *habitus* em Bourdieu, nas palavras de Cristina Carta Cardoso de Medeiros (2011), coloca o corpo enquanto portador do *habitus* uma vez que as disposições que se incorporam e introjetam passam a molda-lo, tendo como base as condições materiais e culturais, o que conseqüentemente irá torna-lo um corpo social. Esse corpo social surge assim nesse processo de socialização, como Medeiros (2011, p.285) afirma “produzindo um ser individual forjado nas e pelas relações, fazendo da própria individualização um produto da socialização”.

Entretanto, mesmo dentro desse *habitus* inscrito no corpo, os comportamentos não se mostram totalmente previsíveis, até porque o corpo não é necessariamente um receptáculo onde se deposita comportamentos aleatoriamente.

O corpo travesti está inserido dentro de uma estrutura social, e dentro dela ele desempenha uma função social. Nesse contexto, Radcliffe-Brown (1973, p.222-223) já teorizou acerca dessa estrutura social e a função dentro dela, onde ela afirma que “a continuidade da estrutura é mantida pelo processo da vida social”. É interessante observar que a vida social é que garante o funcionamento dessa estrutura. Ele ainda afirma que. Radcliffe-Brown (1973, p.223), ainda afirma que.

O conceito de função tal como é aqui definido implica, pois, a noção de uma estrutura constituída de uma série de relações entre entidades unidades, sendo mantida a continuidade da estrutura por um processo vital constituído das atividades integrantes.

Dentro dessa estrutura, Radcliffe ainda fala na possibilidade de uma unidade funcional, entretanto, Durkheim (1926, cap. IV), em suas Regras do Método Sociológico, já relacionando a saúde e doença, assim como fizeram os gregos, à sociedade, criou as definições de *eunomia* e *dysnomia*. Entretanto, as sociedades não morrem, assim, indivíduos e instituições podem aparecer e desaparecer no decorrer dos anos, e mesmo assim, isso não é suficiente para que uma sociedade morra.

Dentro desse contexto exposto por Radcliffe, é interessante observar que um mesmo costume social pode ter funções diferentes conforme a sociedade observada. Assim, a travestilidade não tem o mesmo peso em todas as sociedades, a velhice também não tem o mesmo significado em todas as sociedades.

Assim, é interessante que se analise o caso das *Bardaches*, as questões relacionadas às transformações de gênero começaram a surgir no campo antropológico por volta da primeira metade do século XX, quando foram estudadas as figuras chamadas *Bardaches*, que se configurava como um indivíduo nascido homem, mas que adotava roupas femininas e mantinha relações com homens. Nesse aspecto Marco Benedetti (2005, p.23) afirma.

A maioria dos trabalhos citados, no entanto, restringe-se à descrição do exótico, identificando as diferentes personificações das transformações de gênero diretamente com a homossexualidade accidental, pouco avançando no debate sobre a construção cultural do corpo e do gênero.

O caso das *Bardaches* é exemplificativo de como ainda se utilizam de argumentos essencialistas que explicavam as questões relacionadas a sexo e gênero apenas sob a ótica puramente biológica, sendo investigados quase que exclusivamente pelas áreas médica e psicológica. Como afirma Marco Benedetti (2005, p.31)

A antropologia empresta à compreensão desse fenômeno uma perspectiva mais sociocultural, pouco difundida de nas instituições, nos meios de comunicação de massa e entre o senso comum, que ainda tendem a reforçar as visões essencialistas sobre o assunto, reduzindo as explicações a argumentos de ordem estritamente biológicos, quando não moral.

A experiência travesti, assim, possui uma função social diferente para cada sociedade e tempo histórico. Dentro dessa ideia de corpo como receptáculo e agencia, é necessário contextualiza-lo dentro de uma sociedade em constante mudança, a qual cria ideais que se colocam cada vez mais como inalcançáveis, nesse sentido, se exige um corpo jovem, atlético, estável, flexível. Todas essas características colocam o corpo idoso como um peso no meio social, pois resumem a pessoa idosa ao seu corpo pesado, que precisa de cuidados, lento e dependente de terceiros.

Cria-se assim uma vigilância intermitente a esses corpos, que são jogados em lugares institucionalizados para cuidar dessas pessoas. É legitimada em nossa sociedade uma vigilância constante sobre esses corpos, e mais especificamente os corpos que vão contra o que é considerado normal, pois eles subvertem o funcionamento dito “normal” da sociedade.

Esse peso dado ao corpo idoso não é apenas simbólico, é real e acompanha também o corpo travesti, que assim deve carrega-lo somando a isso o estigma de sua condição travesti. Assim, as travestis já são consideradas “anormais” em qualquer faixa etária, elas percorrem toda sua vida como

vistas como figuras idiossincráticas, singulares, que fogem ao normal, e dessa mesma forma elas envelhecem.

Esse peso se torna ainda mais exacerbado quando se percebe a tendência cada vez mais irreal de tentativas de se disfarçar os efeitos da velhice com tecnologia para só assim serem aceitos, as travestis surgem como figuras que mesmo disfarçando esses efeitos continuarão não sendo aceitas.

Dentro desse quadro, o envelhecimento não é um processo universal e geral para todos, as experiências são individualizadas, e até mesmo dentro das travestis há processos específicos. Dentro desse prisma, algumas travestis pretendem uma velhice similar ao de uma senhora, outras na velhice são elevadas ao posto de “mãe” das travestis mais novas, que estão iniciando sua vida e se colocam aos cuidados e preparo das “mães”, que muitas vezes trazem para si a responsabilidade de dar conselhos, outras que são chamadas “bombadeiras” aplicam silicone industrial nas mais novas. Mas não é tão amena essa relação, algumas se tornam cafetinas, onde criam uma intrincada rede de prostituição.

Nesse espectro do envelhecimento travesti, as experiências, como dito anteriormente são únicas. Então é possível identificar, inclusive, algumas que se submetem a um difícil processo de masculinização por motivos subjetivos, mas que em geral, baseando-se nas experiências observadas em relatos em matérias, artigos e documentários, são sempre relativos à família, ao retorno ao meio social para uma possibilidade de emprego, e assim garantir uma velhice mais estável. Talvez a estabilidade na velhice seja um dos principais fatores, tendo em vista que a travesti é sempre atrelada a prostituição, passam suas vidas forçadas a essa forma de trabalho, não podendo emergir no meio laboral formal. Esse corpo passa então a não mais atrair olhares e nem conseguem oferecer prazer aos clientes, da mesma forma Andrea Marques (2010, p. 217) discorre.

Difunde-se a ideia de que os corpos envelhecidos não têm espaço no mercado erótico e essa desvantagem acaba por afastar as pessoas mais velhas do exercício da conquista sexual. Essa imagem é ainda mais forte quando tratamos de mulheres. Na medida em que envelhecem, as mulheres são vistas e se veem como pouco atrativas sexualmente. As marcas corporais do envelhecimento como rugas e cabelos brancos são desvalorizadas do ponto de vista estético e comprometem o potencial de sedução daquele corpo (Goldenberg, 2008). Afirma-se também que no Brasil essa desvalorização estética do corpo velho é bastante disseminada, refletindo-se no elevado número de pessoas que realizam (ou que gostariam de realizar) diversos procedimentos, inclusive cirúrgicos, que prometem o rejuvenescimento físico.

É necessário olhar esse corpo a partir de questões referentes à sua autoimagem, às intervenções corporais, possibilidades de reinserção laboral. Além de mortes que acontecem por motivos de HIV, complicações advindas das modificações corporais e advindas de sua condição de rua, onde a coloca numa posição extremamente vulnerável. O Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais, a maioria deles são pobres e vivenciaram a pobreza desde sua infância até a velhice. A transfobia experimentada pelas travestis brasileiras é considerada interseccional, porque essas mortes seriam produzidas não apenas por um ódio relacionado ao gênero, mas também porque as travestis que morrem diariamente no Brasil tem uma classe/etnia bem marcada pela sociedade. Todos esses fatores podem influenciar na expectativa de vida dessas pessoas, e refletem na sua percepção de envelhecimento, onde muitas já são consideradas idosas quando estão próximo aos 40 anos. Assim afirma Antunes e Mercadante (2011, p.122).

A velhice não é valorizada, inclusive entre as travestis. É como se a travesti perdesse a função ao envelhecer. Então, acabam desaparecendo. Conta que há algumas que envelhecem e voltam a se vestir como homens. Passam por uma espécie de “des-transformação”. Outras acabam assumindo outros trabalhos como: costureiras, maquiadoras, bombadeiras, cozinheiras, cabeleireiras, manicures, domésticas, cafetinas, locatárias, agenciadoras, artistas, etc.

A partir daí é observável a importância de se chegar à velhice para as travestis, como afirma Siqueira (2009, p. 44) “é necessário ser uma senhora bem-sucedida, no sentido de ter “escapado” da AIDS, da dependência de drogas químicas, de poder transitar em diferentes segmentos sociais, de ser respeitada no local aonde mora e ser uma senhora de posses”.

Esse corpo, que outrora se desvencilhou dos investimentos da sociedade tentando molda-lo, segundo o que dispõe Bourdieu (2002), volta a somatizar as relações sociais de dominação. Ou seja, passa a inscrever na sua *hexis corporal* o que lhe é imposto socialmente. O corpo então aceita essa dominação simbólica, e o efeito dela é como diz Bourdieu (2002e, p.50).

Forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, e como que por magia, sem qualquer coação física; mas essa magia só atua com o apoio de predisposições colocadas, como molas propulsoras, na zona mais profunda dos corpos.

A velhice então se apresenta como um novo fator de exclusão, ou seja, se antes elas já eram excluídas por causa de sua condição travesti, agora o também são por sua condição de idosas. Nesse momento, alguns fatores passam a pesar além dos já mencionados, isso porque a travesti passa sua juventude na busca de um ideal de beleza que se aproxima do mais feminino possível, para isso ela se utiliza dos meios que lhes são possíveis e que muitas vezes perigosos. Sendo assim, se voltarão

contra elas com uma força bem maior na velhice, onde precisarão mais significativamente de ajuda médica, por não conseguirem mais clientes nas ruas, não terão como se sustentar, e ainda se soma a isso tudo o contexto homofóbico em que vivem.

No envelhecer, por se encontrar só e sem nenhum amparo, tendo em vista que muitas não conseguem durante sua vida estabelecer um vínculo trabalhista e manter uma aposentadoria que lhe possibilite um descanso na velhice, muitas tornam a se masculinizar para se readaptar ao mercado de trabalho. Todos esses fatores, talvez sejam indicadores de causas possíveis que as levem a se masculinizar quando na velhice.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Andrea Moraes. **Envelhecimento, trajetórias e homossexualidade feminina**. Horizontes Antropológicos, 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-71832010000200010>. Acesso em 02 de julho de 2017.
- BENEDETTI, Marcos. **Toda Feita: corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. **O camponês e seu corpo**. Revista Socio. Polit., Curitiba, n. 26, pp. 83-92, 2006.
- BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do 'sexo'**. IN: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado – pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autentica, 1999.
- LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. 3. Ed. – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 1. Ed., Belo Horizonte: Autentica, 2008.
- MALUF, Sônia. **Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas**. *Esboços*, v.9, n.9, 2001:87-101.
- MEDEIROS, Cristina Carta Cardoso de. **Habitus e corpo social: reflexões sobre o corpo na teoria sociológica de Pierre Bourdieu**. Movimento (ESEFID/UFRGS), Porto Alegre, p. 281 - 300, jan. 2011. ISSN 1982-8918. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/13430>>. Acesso em: 14 de junho de 2017.
- MEAD, Margareth. **Sexo e temperamento em três sociedades primitivas**. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Primeira parte: “O corpo”)
- MERCADANTE, Elisabeth Fronlich; ANTUNES, Pedro Paulo Samarco. **Travestis, envelhecimento e velhice**, 2011. Disponível em:< <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/9902>>. Acesso em 14 de maio de 2017.
- MOUNTIAN, Ilana. **Aspectos sobre travestilidade e envelhecimento: história, corpo e imigração**, 2015. Disponível em:< <http://www.quadernsdepsicologia.cat/article/viewFile/v17-n3-mountian/1286-pdf-pt>>. Acesso em: 12 de maio de 2017.
- SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.